

## **Em busca de um maior aprofundamento teórico frente à pluralidade da historiografia contemporânea: o “Grupo de Estudos sobre Teoria da História” e seus primeiros resultados**

VAHL, Mônica Maciel<sup>1</sup>; MEDEIROS, Anelise Domingues<sup>2</sup>; MEIRA, Chelí Nunes<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Bacharelado em História pela Universidade Federal de Pelotas, 5º semestre, e-mail: [monicamvahl@gmail.com](mailto:monicamvahl@gmail.com); <sup>2</sup> Acadêmica do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Pelotas, 6º semestre, e-mail: [ane.domingues@yahoo.com.br](mailto:ane.domingues@yahoo.com.br); <sup>3</sup> Acadêmica do curso de Bacharelado em História pela Universidade Federal de Pelotas, 5º semestre, e-mail: [chelimeira@hotmail.com](mailto:chelimeira@hotmail.com)

ESPIG, Márcia Janete<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Professora Adjunta do Departamento de História e Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, e-mail: [marcia.espig@terra.com.br](mailto:marcia.espig@terra.com.br)

### **1 – INTRODUÇÃO**

Os estudos históricos passaram, nos anos recentes, por um processo de significativo alargamento, tanto em termos de objetos, como de abordagens e metodologias, acrescentando novas perspectivas à escrita da história. O presente trabalho é fruto das discussões desenvolvidas durante o projeto de ensino “Grupo de Estudos sobre Teoria da História”. Coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Janete Espig, tem por objetivo preparar é os alunos para esse novo cenário.

Neste espaço nos propomos a fazer algumas reflexões sobre a diversidade temática existente na historiografia contemporânea e a necessidade de um maior aprofundamento teórico que acompanhe essa expansão do saber histórico. Além disso, será exposta a sistemática das atividades do “Grupo de Estudos sobre Teorias da História” e seus primeiros resultados.

### **2 – METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)**

Devido a carência de estudos discentes centrados na área de Teorias da História e a dificuldade dos alunos com relação à produção textual, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Janete Espig propôs a criação de um projeto de ensino voltado para o campo da teoria e para a redação acadêmica. Iniciado no primeiro semestre de 2010, ele prevê a duração de um ano.

O “Grupo de Estudos sobre Teoria da História” tem como objetivos a ampliação das discussões nessa área e a produção textual individual de dois artigos pelos alunos. Os encontros ocorrem semanalmente com discussões de texto, alguns selecionados pela professora, outros objetos de pesquisa dos alunos, sendo que ainda são reservados alguns dias para a análise da produção textual discente.

Dentre os autores sugeridos pela professora encontram-se Edward Hallet Carr (1982), Antoine Prost (2008), Lynn Hunt (1992) Roger Chartier (1990), Silvia Petersen (2002), Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2007), e outros. Por sua vez os alunos buscaram e apresentaram textos de autores como César Guazzelli (2000), Silvia Petersen (1999), Roger Chartier (1995) e Eleonora Costa (1994), sendo incentivados à autonomia de pesquisa.

Após a leitura de alguns textos panorâmicos sobre a historiografia atual em teoria foi solicitado aos participantes do grupo a confecção de um artigo. Inicialmente foi feita uma introdução generalizada, e em um segundo momento os discentes escolheram individualmente temáticas específicas organizando uma proposta de trabalho. Por fim, foram desenvolvidos artigos de conteúdo teórico, seguindo as normas da ABNT, limitados entre dez e quinze páginas, visando uma possível publicação em revistas acadêmicas discentes.

### **3 – RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A expansão do saber histórico fragmentou o conhecimento em milhares de grãos de areia e a historiografia contemporânea se tornou um campo hiper-especializado, atravessado por inúmeras tendências e sub-especialidades. Algumas pesquisas, muitas vezes por manterem uma reflexão teórica superficial, acabam por isolar seu objeto em um enfoque rigidamente delimitado, anulando todas as demais dimensões da realidade, como se elas pudessem existir de forma compartimentada e restrita (BARROS, 2008).

A ampliação do campo histórico permitiu que novos horizontes fossem percebidos. Entretanto o alargamento do leque temático, na maioria dos casos, não foi acompanhado por um desenvolvimento metodológico e por uma maior reflexão teórica, o que levou muitas vezes a apenas a uma “falsa interdisciplinaridade” e à construção de uma forma tradicional de história meramente rotulada de nova (PETERSEN, 2003).

Procurando desenvolver um maior aprofundamento frente à diversidade teórica contemporânea, nosso grupo vem se centrando nas correntes historiográficas denominadas história social, nova história cultural e micro-história. Em um primeiro momento foram abordadas temáticas mais gerais, como por exemplo, o abalo do paradigma moderno, a subjetividade do historiador e o caráter narrativo de um texto histórico.

Após essas discussões iniciais, as leituras durante o primeiro semestre de 2010 foram direcionadas para vertente historiográfica conhecida como nova história cultural. Procurou-se, então, estabelecer qual o contexto que permitiu a expansão de explicações culturais para fenômenos entendidos anteriormente como de ordem política ou econômica e a relação da nova história cultural com outras disciplinas, como a antropologia, a lingüística e a teoria literária.

Entre os pontos que suscitaram maior debate estão o alargamento da definição de cultura, o enfoque diferenciado da nova história cultural em relação a temáticas até então pouco comuns, como por exemplo, a história da leitura, e o interesse dessa corrente pelas manifestações populares, pelo simbolismo da vida cotidiana e pelo informal. Além disso, foram examinados alguns dos principais conceitos da nova história cultural, como imaginário, representação, apropriação e prática.

### **4 – CONCLUSÕES**

Principalmente a partir da década de 1980, novos temas foram incorporados à produção historiográfica brasileira e antigos objetos foram submetidos a uma releitura. No entanto, essas inovações foram na maioria das vezes apenas recebidas

de maneira passiva, engessadas, sem estimular uma reflexão original que partisse do contexto brasileiro (PETERSEN, 2003). Algumas das maiores armadilhas que rondam o fazer historiográfico, como já alertava há mais de uma década Emília da Costa (1994), é uma apropriação incorreta ou superficial da teoria, o que em muitos casos leva a um reducionismo econômico ou a um determinismo cultural.

Para que se desenvolva um espaço de debate no ambiente acadêmico local que não se restrinja à importação acrítica e simplista de teorias estrangeiras, reforçamos a necessidade de um constante aprofundamento em Teorias da História. Destacando, portanto, a importância de grupos que estejam centrados nessa perspectiva.

## 5 – REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **História** – a arte de inventar o passado. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- BARROS, José d’Assunção. **O campo da História: Especialidades e Abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CARR, E. H. **Que é História?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CHARTIER, Roger. “Cultura Popular”: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995. p. 179-192.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural** - entre práticas e representações. São Paulo: Difel, 1990.
- COSTA, Eleonora. Sobre o Acontecimento discursivo. In: SWAIN, Tânia (org.). **História no plural**. Brasília: Ed. UnB, 1994.
- COSTA, Emília Viotti da. A dialética invertida: 1960-1990. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 14, n. 27, 1994. p. 09-26.
- GUAZZELLI, César. Legitimidade e utilidade da história: canções, moinhos e outras coisas. In: GUAZZELLI, Cesar et al (orgs.). **Questões de teoria e metodologia da história**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000. p. 325-336.
- HUNT, Lynn (org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- PETERSEN, Sílvia. O pensamento histórico brasileiro: relações com as vertentes européias e americanas, tendências e temáticas recente. **História em Revista** (UFPEL), Pelotas, v. 9, 2003. p. 9-43.
- PETERSEN, Sílvia. Alguns comentários sobre a história do conhecimento histórico. **Organon** (UFRGS), Porto Alegre, v. 16, n. 32-33, 2002. p. 203-217.
- PETERSEN, Sílvia. Dez hipóteses (e algumas conjunturas) para o conhecimento histórico no próximo milênio. In: **Anos 90**, Porto Alegre, n. 12, dezembro de 1999. p. 42-58.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.